Artigo SÉRGIO LUIZ BEZERRA TRINDADE, professor do IF-RN (slbtrindade@yahoo.com.br)

Jornal de Hoje, 15.12.2009

Um operário no poder (VIII)

Em meados da década de 1930, o Brasil fervia ideologicamente. ANL e AIB se confrontavam nas ruas das principais cidades do país. José Praxedes, de outubro de 1932 a janeiro de 1935, gravitou entre o Rio de Janeiro e São Paulo, empregado em fábricas, atuando nos organismos partidários do PCB e estudando para, no seu dizer, adquirir "uma formação teórica mais sólida para me ajudar na luta", até que, no dia 6 de janeiro de 1935, a cúpula do PCB resolveu mandá-lo de volta para Natal, onde deveria organizar os preparativos para o movimento comunista que eclodiria naquele ano. Antes de embarcar para Natal, o operário potiguar fez contatos com Bangu e Miranda, dois líderes do partido. Naquele momento, José Praxedes soube que estava se preparando "um movimento insurrecional contra o Governo de Getúlio Vargas".

No Rio Grande do Norte, Café Filho, liderança política surgida no meio sindical, começara a se compor com os vitoriosos de 1930 e, apoiando-se no Decreto no 19.770, princípio legal que controlava a criação e o funcionamento dos sindicatos, estabelecia-se como um representante do sistema varguista para controlar os operários. Como o meio sindical no Rio Grande do Norte estava polarizado entre comunistas e cafeístas, e como os últimos foram um dos esteios do regime implantado em 1930, os comunistas não conseguiam registro para que os sindicatos que seguiam a sua orientação pudessem funcionar. Sem o registro expedido pelo Ministério do Trabalho, os sindicatos de orientação comunista ficaram funcionando na ilegalidade, sendo violentamente reprimidos pelas autoridades estaduais e federais. Sem alternativas viáveis dentro da lei, as lideranças comunistas buscavam tentar se estabelecer pela força, como ocorreu no interior do estado, com a eclosão de um movimento grevista dos ferroviários em Mossoró e dos trabalhadores salineiros em Mossoró e Macau. Ao mesmo tempo, como uma espécie de ensaio do movimento comunista que tomaria Natal em novembro, eclodiu na várzea do Açu um movimento armado, chefiado pelo líder comunista Manoel Torquato, que se espalhou para alguns municípios da região, amplamente noticiado pela imprensa local e nacional.

Duramente reprimido pela polícia, o movimento foi desarticulado e seus líderes, presos. Dias depois, uma parte conseguiu fugir, reorganizou o movimento e, usando táticas de guerrilha, atacou e saqueou fazendas. Para estudiosos do período, esses movimentos podiam ser associados ao processo "de ascensão e radicalização da luta de classe trabalhadora que datava de 1934, propiciado em parte pelo clima de liberalização então experimentado". A presença do Partido Comunista, sobretudo em Natal e Mossoró, foi catalisador desse processo. As informações acerca dos conflitos armados na várzea Açu e das greves ocorridas em Mossoró, alarmaram as autoridades federais, a ponto de o ministro da Justiça, tomando conhecimento do problema, solicitar ao interventor detalhes sobre as ocorrências.

A professora Brasília Carlos Ferreira, afirma que "a guerrilha tinha um caráter puramente defensivo", sendo o seu objetivo dar coesão a um grupo que estava na clandestinidade e preparava-se para intervir na revolução que estava para ocorrer. Segundo Homero Costa, autor de um clássico sobre o movimento comunista de 1935 em Natal, a "guerrilha foi decidida numa reunião convocada pela direção do Partido Comunista em Mossoró, para discutir o que fazer em face da intensificação da repressão policial, em especial sobre os militantes do Sindicato dos Salineiros, que desde sua fundação era dirigido por comunistas, assim como a preparação de um 'levante revolucionário com Prestes à frente, através do qual o partido, vitorioso, chegaria ao poder'. Após intensa discussão, surge a proposta de se formar uma guerrilha. Uma parte, liderada por Miguel Moreira e contando com o apoio da maioria dos que estavam clandestinos, defendia que o movimento armado deveria começar logo, e outra, liderada por Jonas Reginaldo, defendia que se mantivessem organizados, aguardando o início de um levante que o partido articulava em nível nacional. A primeira proposta sai vitoriosa".

Mesmo inseridos na lógica insurrecional do PCB, a guerrilha do Açu não recebia orientação regional do Partido, o que pode ser demonstrado pelo desconhecimento por parte de seus líderes do movimento que estourou em Natal em novembro de 1935. Para o professor e pesquisador Spinelli, é preciso entender que aquele movimento, além do avanço das lutas operárias naquele momento, foi mais afetado pelas "condições específicas daquela região salineira", pois ali, "o trabalho do Partido Comunista tinha bastante autonomia em relação ao trabalho da direção estadual em Natal". Mas é preciso ressaltar que aquele movimento guerrilheiro era de conhecimento das lideranças nacionais do Partido, citado inclusive por um delegado brasileiro no VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, realizado em Moscou em agosto daquele mesmo ano. É também digno de registro que a guerrilha de Açu não foi um ato isolado, tendo em vista que, conforme Homero Costa, após a derrota da insurreição comunista de novembro em Natal, "a polícia descobriu que havia um movimento armado marcado para os dias 15 e 16 de julho de 1935 em Mossoró e que teria ramificações na Paraíba, Ceará e Pernambuco".

Não era somente o interior do estado que se encontrava revoltado. Três meses após a chegada de Praxedes, começaram a pipocar greves entre os diversos segmentos de trabalhadores. Naquele momento, uma vez mais comunistas e cafeístas iriam disputar a liderança do movimento sindical no Rio Grande do Norte.



Aposentada passou mal na Deicor e foi socorrida pelo Samu. Parentes garantem que ela teve a casa invadida por um dos

> NATALINO

Casa Durval Paiva apresenta trabalho de artesãs em bazar

Artesanato que muda vidas. É esta a proposta do 2º Bazar Natalino da Casa Durval Paiva de Apoio à Criança com Câncer, realizado de hoje a quinta-feira, no Imirá Plaza.

CIDADE 8

> ATÉ 2012

Força dos ventos: produção de energia duplicará no Estado

Apenas as usinas de energia eólica instaladas ou projetadas para os próximos três anos gerarão mais que o dobro do consumo de energia do RN.

GERAL 13

> CÂMARA MU

Micarla p empréstir



Prefeita Micarla de Sousa prete